



## Escatologia

O Eterno criou o homem para com ele manter um relacionamento pessoal baseado em amor. Diante da rebeldia da sua criatura o Criador Trino não desistiu mas concebeu um plano de salvação para levar o homem de volta para casa. Este plano foi centrado em Jesus, Deus-Homem, que morreu na cruz e ressuscitou, nos enviando seu Espírito. O Espírito Santo então aplica a obra salvadora de Cristo ao nosso coração por meio do arrependimento, regeneração, justificação adoção e santificação. Além disso o Espírito nos congrega junto aos demais redimidos de maneira que fazemos parte do corpo de Cristo e da igreja local. Na igreja local crescemos em piedade e santidade por meio dos meios de graça que o Senhor concedeu ao seu povo: as Escrituras, a oração, os sacramentos, a vida comunitária. Junto com toda a comunidade proclamamos o Evangelho e esperamos a concretização da promessa do retorno do nosso Senhor Jesus.

Chegamos então a uma grande e importante área da teologia chamada “Escatologia”. O termo “escatologia” vem do grego “ta eschata”, que significa “as últimas coisas” e dá nome a uma ampla área da teologia que estuda a esperança cristã com relação a volta de Jesus, a morte, a ressurreição e a eternidade.<sup>1</sup> É importante distinguir “escatologia” e “apocalipse”, pois enquanto a escatologia é uma área de estudo sobre as últimas coisas, os textos apocalípticos, incluindo o próprio livro de Apocalipse, são um tipo específico de literatura que retrata uma intervenção de Deus na história a fim de libertar o seu povo e iniciar uma nova era.<sup>2</sup>

Embora o termo escatologia aponte para as últimas coisas, é importante ressaltar que a escatologia envolve muito mais do que os eventos do “final do mundo”. De fato, os estudiosos tem utilizado a distinção entre a escatologia inaugurada ou realizada para significar todas as profecias que se cumpriram na primeira vinda de Cristo, que inaugurou um novo tempo, e a escatologia futura, para descrever os eventos que cumprirão as profecias por ocasião da segunda vinda de Cristo.<sup>3</sup> Ou seja: o nascimento de Jesus, a morte expiatória de Jesus, a ressurreição de Jesus, o derramamento do Espírito sobre a igreja e a proclamação do Evangelho a toda a terra foram todos estes eventos escatológicos que cumpriram profecias do Velho Testamento e inauguraram uma nova era.<sup>4</sup> Neste sentido há uma parte da escatologia que foi inaugurada na primeira vinda de Jesus. Há uma outra parte que será plenamente cumprida na segunda.

Dessa forma, vivemos entre o “já” e o “ainda não” conforme nos diz Hoekema: “o crente já está na era escatológica mencionada pelos profetas do Antigo Testamento, mas ainda não está no seu estado final. Ele já experimenta a presença do Espírito Santo em si, mas ainda espera por seu corpo ressurreto. Ele vive nos últimos dias, mas o último dia ainda não chegou”.<sup>5</sup> Vivemos uma era escatológica e estamos vivendo os últimos dias. A própria igreja de Cristo é um sinal dos últimos tempos!

Portanto, nossa compreensão sobre o que é escatologia não deve ficar presa aos eventos do último dia, mas é importantíssimo compreendermos que “quando estudamos as doutrinas das últimas coisas, devemos salientar seu significado espiritual e sua aplicação prática. Essas doutrinas são incentivos a pureza da vida, a diligência no serviço e a esperança quanto ao futuro. Elas devem ser vistas como recursos para o ministério, não como tópicos para o debate”.<sup>6</sup>

Nos tempos atuais, é de crucial importância recuperar nosso senso escatológico. Alister McGrath lembra que na igreja primitiva, “os opositores de Paulo, em Corinto, estavam ensinando que os últimos tempos já haviam chegado e que todos os benefícios da eternidade já poderiam ser obtidos aqui e agora”.<sup>7</sup> Dois milhares de anos se passaram e não conseguimos expurgar charlatanice e o senso comodista que diz a salvação é dinheiro e conforto. Os falsos mestres de Corinto aparentemente tem descendentes que continuam a pregar que o céu é aqui, enquanto a escatologia nos diz que estamos na era do “já” e “ainda não” de maneira que esperamos pelo retorno do Redentor Triunfante e do seu Reino que vai inundar toda a terra. Céu e inferno, ambos, são realidades que estão no porvir e isso deve nos trazer esperança.

Ao se tratar a escatologia, podemos dividi-la em escatologia pessoal ou individual e escatologia cósmica. A escatologia cósmica diz respeito aos eventos de natureza universal que culminarão na volta de Jesus e na eternidade dos santos. A escatologia individual se atenta as questões relativas a morte dos cristãos que não verão o retorno do Senhor. Nesse primeiro momento, vamos nos concentrar na escatologia individual.<sup>8</sup>

<sup>1</sup> MCGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo, Shedd Publicações, 2005, p.623

<sup>2</sup> MCGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo, Shedd Publicações, 2005, p.623,624

<sup>3</sup> HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.22

<sup>4</sup> MCGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo, Shedd Publicações, 2005, p.623,624

<sup>5</sup> HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.83

<sup>6</sup> ERICKSON, Millard J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.483

<sup>7</sup> MCGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo, Shedd Publicações, 2005, p.625

<sup>8</sup> ERICKSON, Millard J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.483

## Escatologia individual

A escatologia individual enfoca as questões relativas a morte das pessoas que não estarão presentes a segunda vinda de Cristo, conhecida como Parousia. Primeiramente, é importante ressaltar que a morte como um fenômeno biológico pertencente a natureza como um todo existiu a parte do pecado. A criação de animais carnívoros e os processos biológicos da natureza nos indicam isto. No entanto, a morte na raça humana está ligada ao pecado de maneira inequívoca. Afinal, a morte é a sentença para o pecado (Rm5) e a morte de Jesus na cruz é a vitória sobre a morte como nos diz Paulo (1Co 15). Neste sentido a morte é consequência do pecado e está a ele atrelada.<sup>9</sup>

Primeiramente, devemos desligar a morte do conceito de extinção. A morte não é não-existência, mas “um modo diferente de existência” como nos assegura Erickson.<sup>10</sup> Assim, podemos distinguir três mortes como consequência do pecado. A morte como desconexão do Criador, ou seja: morte espiritual. A morte como desconexão do corpo e da alma: a morte física. Por fim, a morte como desconexão definitiva do Criador pela eternidade: a morte eterna. Martin Lloyd-Jones afirma, portanto, que a morte não pode ser vista com o fim da existência, como a cessação da existência, mas como a separação entre nosso corpo e nossa alma.<sup>11</sup> Ao fim, a morte, assim como o pecado, é desconexão.

A vinda de Cristo, sua morte e ressurreição, cumpriram o plano de Deus de vencer a desconexão do homem com Deus (morte espiritual), trazer a esperança da ressurreição vencendo a desconexão entre o corpo e alma (morte física) e nos levar de volta para a casa, para a presença eterna do Criador (morte eterna). Neste sentido Cristo venceu a morte que entrou para raça humana em todos os seus aspectos. Contudo, a consequência temporal do pecado dos primeiros pais persiste mesmo naqueles que foram regenerados por Cristo, de maneira que o cristão, assim como o não cristão, passa pela morte, muito embora ela seja vista de maneira diferente por cristãos e não cristãos.

Dessa forma, uma questão se impõe no campo da escatologia individual: uma vez que por ocasião da sua segunda vinda Cristo consumará plenamente as promessas da vinda de seu Reino e assim iniciará a eternidade com o Criador, o que ocorre com aqueles que dormiram no Senhor até esse momento? Essa questão que investiga o estado dos homens entre a morte e a ressurreição final é chamada da questão do “estado intermediário”.

O que acontece com a alma no instante da morte? Nesse estado intermediário os regenerados e os perdidos vão para onde? Há consciência nesse período? Na história da teologia foram concebidas diversas maneiras diferentes de se responder a estas questões. Contudo, podemos colocá-las em duas linhas principais: na primeira após a morte o espírito continua “vivo”, na segunda ele “morre” junto com o corpo ou, na linguagem dos socinianos, ela dorme.<sup>12</sup>

Existem diversos argumentos para ambos os lados, mas os textos de Mt 10.28, Ap 6.9 e 20.4 parecem demonstrar que nosso porção material pode existir a parte do corpo. Hoekema lembra que “este estado de existência é provisório, temporário e incompleto. Uma vez que o homem não é totalmente homem sem corpo, a esperança escatológica central das Escrituras, em relação ao homem, não é a simples existência continuada da “alma” [...] mas é a ressurreição do corpo”.<sup>13</sup> Embora essa seja a posição mais bíblica, ainda permanece uma questão: a alma continua a existir, mas onde? De forma consciente ou inconsciente? A parábola descrita por Jesus em Lc 16.19-31 parece lançar luz sobre a questão, pois ainda que a intenção da parábola não seja doutrinária, o ensino de Jesus seria sem sentido se não houver diferença entre o destino do que está em Cristo e do que não está após a morte.<sup>14</sup> Além disso, as passagens de Lc 23.42,43, Fp 1.21-23 e 2Co 5.1-8 parecem nos dizer que o cristão, ao morrer, já desfruta das consolações de estar na presença do Senhor de maneira consciente.

E depois? O que virá? As Escrituras dizem que por ocasião da volta do Senhor seremos ressurretos no corpo para estar com ele pela Eternidade. O fato da ressurreição ser corpórea fica claro na ressurreição do próprio Jesus (Lc 24.38,39, Jo 20.17 e Jo 21.10-15) e em também em Paulo, especialmente em 1Co 15.35-58 e Fp 3.20,21. Martin Lloyd-Jones deixa claro que “a salvação não é completa sem a ressurreição do corpo físico”.<sup>15</sup> Jones nos lembra que para muitas religiões o pecado é um mal do corpo e não da alma. Assim, ao desencarnar o indivíduo estaria livre do pecado do corpo e portanto seria puro em sua alma. Jones nos lembra que quando nossos pais caíram, caíram por inteiro e totalmente. O pecado passou a habitar seu corpo e sua alma, se tornando sua natureza inteira e completa. Dessa forma, por meio da ressurreição e da glorificação o Criador nos faz voltar novamente para nosso estado primeiro, um ser livre do pecado de corpo e alma e que espelha a imagem e semelhança do Criador.

A partir da compreensão que podemos alcançar da ressurreição de Jesus, vemos que de fato por um lado há uma continuidade entre o corpo antes da ressurreição e após a ressurreição uma vez que várias pessoas o reconheceram, incluindo Maria Madalena (Jo 20.10-28), e por outro há uma descontinuidade devido ao fato de que Jesus demonstrou claramente poder fazer coisas que são impossíveis ao nosso corpo não ressurreto.

<sup>9</sup> LLOYD-JONES, Martyn. *A Igreja e as Últimas Coisas*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1999., p.81

<sup>10</sup> ERICKSON, Millard J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.484

<sup>11</sup> LLOYD-JONES, Martyn. *A Igreja e as Últimas Coisas*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1999, p.80

<sup>12</sup> HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.113

<sup>13</sup> HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.115

<sup>14</sup> HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.121

<sup>15</sup> LLOYD-JONES, Martyn. *A Igreja e as Últimas Coisas*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1999, p.282